

A INDÚSTRIA DE BENS DE CAPITAL NO BRASIL

¹Juliana da Silva Rios, ²Tatiana Veloso Tribst ³Friedhilde Maria Kustner Manolescu

1, 2, 3 - Universidade do Vale do Paraíba - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FCSA – Avenida Shishima Hifumi 2911 – Urbanova, 12244-000 – São José dos Campos – SP – Brasil

julianasrios@gmail.com; tati_tribst@ig.com.br, frida@univap.br

Resumo - O presente trabalho objetiva analisar a indústria de bens de capital mecânicos no Brasil, dos anos 80 até a virada século através de estudos realizados sobre a balança comercial, a relação entre produtividade e emprego no setor e indicadores de qualidade e desenvolvimento tecnológico. Através destes, conseguimos visualizar toda a pressão sofrida com a infinidade de planos econômicos para estabilização da economia e seus efeitos sobre esta indústria, bem como a abertura econômica ocorrida nos anos 90 sob o pretexto de acabar com o protecionismo brasileiro, forçando a inovação tecnológica dos mais preparados e a derrocada dos que estavam estagnados, tornando o país mais competitivo e preparado para o novo milênio.

Palavras-Chaves: Bens de Capital; Balança Comercial; Desenvolvimento Tecnológico.

Área de Conhecimento VI: Ciências Sociais Aplicadas.

Introdução

Segundo Vemulm e Erber (2002) os bens de capital são aqueles produtos que são utilizados para fabricar outros produtos, repetidamente. Assim, a indústria de bens de capital “é aquela que fabrica as máquinas e equipamentos utilizados pelos demais setores para produzir bens e serviços”.

Este segmento industrial é também usuária dos bens que produz, fazendo com que este processo seja ampliado pelo progresso técnico, onde as novas máquinas e equipamentos serão mais produtivos que as que lhes antecederam, consideradas como difusores do desenvolvimento tecnológico, tornando-a estratégica do ponto de vista do desenvolvimento econômico.

Evolução da Indústria

A demanda por bens de capital depende dos investimentos feitos pelos empresários, onde as condições macroeconômicas como a distribuição de renda, evolução da demanda efetiva e as políticas públicas afetarão estas condições (notadamente, as políticas monetária, fiscal e cambial) influenciando diretamente na evolução da indústria de bens de capital. Como os bens de capital raramente são adquiridos à vista, as condições de financiamento (taxas de juros, prazos, garantias e condições de seguro de crédito) desempenham um papel crítico no desenvolvimento desta indústria, seja no plano

das economias nacionais, seja na concorrência internacional.

Durante os anos 80 e 90 o crescimento da economia brasileira foi modesto a taxa de investimento declinou fortemente (VERMULM, ERBER 2002). A taxa média de crescimento do PIB real nos anos oitenta foi de 1,6% e nos anos noventa de 1,8%. Nas duas décadas anteriores, foi de 8,6% (1970/80) e 6,2% (1960/70). A formação bruta de capital foi superior a 20% do PIB nos anos setenta e foi cerca de 16% nos anos 80 e 90.

A Tabela 1 mostra a evolução da indústria de bens de capital ao longo das duas últimas décadas. Durante os anos 80, à medida que a crise econômica foi se aprofundando com os desequilíbrios de ordem financeira, o país foi adotando políticas econômicas de natureza restritiva, elevou-se a taxa de juros e gerou-se grande instabilidade e incerteza com os vários programas de estabilização, na segunda metade da década. A instabilidade do desempenho macroeconômico encontra-se refletida na instabilidade do desempenho da indústria de bens de capital. Sofre séria retração com a crise do início dos anos 80, retoma o crescimento com o Plano Cruzado, em meados da década, para encerrar essa década novamente com retração do mercado interno e da produção local. Em 1989 o consumo aparente era 75% do vigente no início da década e a produção era 80% da realizada em 1980.

TABELA 1: Bens de capital no Brasil: Produção e Comercio Exterior

Anos	Prod. BK US\$ bi de 2000	Export. BK US\$ bi de 2000	Import. BK US\$ bi de 2000	Saldo comercial Bens de Capital US\$ bi de 2000	Cons Apar. US\$ bi de 2000	Coefficiente De Exportação	Coefficiente de Importação
1980	22,76	2,19	3,45	-1,25	24,02	9,64	14,36
1981	20,27	2,25	4,00	-1,74	22,01	11,12	18,16
1982	16,62	1,62	2,57	-0,95	17,57	9,77	14,63
1983	13,62	1,54	1,56	-0,02	13,63	11,30	11,41
1984	14,30	1,92	1,31	0,61	13,69	13,44	9,57
1985	16,82	2,14	1,44	0,70	16,12	12,75	8,94
1986	19,23	1,90	1,85	0,05	19,18	9,89	9,66
1987	19,73	2,17	2,47	-0,30	20,04	10,98	12,33
1988	19,15	2,90	3,16	-0,26	19,42	15,12	16,27
1989	18,37	3,01	2,46	0,56	17,81	16,41	13,80
1990	16,77	2,67	3,20	-0,53	17,29	15,94	18,50
1991	13,88	2,65	3,06	-0,40	14,29	19,11	21,40
1992	12,53	2,86	2,99	-0,13	12,66	22,81	23,63
1993	12,29	3,29	3,12	0,17	12,12	26,75	25,74
1994	14,11	3,72	4,84	-1,13	15,24	26,33	31,77
1995	14,31	3,81	6,96	-3,15	17,46	26,60	39,85
1996	12,44	3,88	7,48	-3,60	16,04	31,21	46,64
1997	12,32	4,18	9,64	-5,46	17,78	33,94	54,22
1998	11,57	3,94	8,82	-4,88	16,44	34,05	53,61
1999	10,22	3,41	7,30	-3,89	14,10	33,39	51,74
2000	11,52	3,52	6,47	-2,95	14,47	30,55	44,70

Fonte: ABIMAQ

A instabilidade macroeconômica e a retração do mercado interno gerada nos anos 90 penalizaram o setor de bens de capital, sendo agravados pela combinação de juros elevados e sobrevalorização cambial, especialmente entre 1994 e 1999. Somando-se a isto, teríamos ainda a liberalização comercial, que eliminou importantes barreiras não-tarifárias (notadamente o estatuto que impedia a importação quando existisse um "similar nacional") e reduziu as tarifas, freqüentemente nulificadas pela prática do "extarifário", que permite reduzir o imposto de importação até zero quando não houvesse produção local equivalente.

Reestruturação da Indústria

Mesmo vivendo uma situação desfavorável, a indústria de bens de capital realizou importantes esforços para a modificação de suas condições produtivas, visando enfrentar as condições adversas de sobrevivência e competição.

De acordo com a Tabela 2, as vendas por empregado em valor constante aumentaram de forma substancial no período 1990/2000, indicando que a indústria de bens de capital também investiu em métodos de gestão e procedimentos produtivos mais eficientes. Esta tendência mantém-se mesmo com o aumento do contingente empregado, face a uma ligeira recuperação no total de vendas, como ocorreu no último ano.

TABELA 2: Indústria de Bens de Capital no Brasil: Faturamento por Empregado (em R\$ mil de 2000) e Numero Médio Anual de Empregados (em mil pessoas) – 1990/2000.

ANO	FATURAMENTO POR EMPREGADO	EMPREGADOS (MIL)
1990	92,4	331,9
1991	95,0	267,4
1992	97,8	234,3
1993	106,6	210,9
1994	122,2	211,3
1995	119,9	218,2
1996	118,5	192,1
1997	124,6	180,9
1998	123,6	171,2
1999	121,6	153,7
2000	131,6	160,2

Fonte: ABIMAQ

Essa tendência de reestruturação é mostrada também pela comparação entre o valor unitário das importações e exportações da indústria de bens de capital, desagregada segundo o uso dos seus bens, apresentada na Tabela 3, abaixo. Cabe destacar a heterogeneidade entre os

segmentos que compõem a indústria e também a relativa lentidão de fechamento do hiato tecnológico nos bens de capital de uso tipicamente industrial e, depois, o fechamento do hiato em bens de capital dedicados à construção.

TABELA 3: Bens de capital no Brasil segundo o seu uso: Relação entre o valor unitário (US\$/kg) das exportações e importações brasileiras (VUX/VUM) – 1990 e 1997.

Segmento	VUX/VUM 1990	VUX/VUM 1997
Agrícola	0,25	0,59
Construção	0,56	0,98
Energia Elétrica	0,19	0,36
Transporte	0,14	0,75
Tipicamente Industriais	0,37	0,51

Fonte: Resende e Anderson (1999)

Competitividade da Indústria

O Relatório da Competitividade da Indústria Brasileira (CNI/BNDES/SEBRAE, 2000) pesquisou 67 fabricantes de máquinas e equipamentos

mecânicos, dentro de um universo de 1158 empresas. Conforme a Tabela 4, os indicadores de qualidade e de desenvolvimento tecnológico dos produtores de bens de capital são superiores aos da média da indústria brasileira.

TABELA 4: Indicadores de qualidade e desenvolvimento tecnológico: media da industria e dos fabricantes de bens de capital mecânico - 1999.

INDICADOR	Média da Indústria	IBK Mecânica
% Pedidos no prazo	87	87
% Defeitos apurados durante a produção	4,6	3,1
% Retrabalho de produtos c/ defeito	12,3	10,2
Dias de trabalho perdidos não previstos	7	4
Gasto com P&D - % ROL	1,3	1,7
Gasto com treinamento - % ROL	1,3	2,1
Gasto com design - % ROL	1,0	1,2

Nota: ROL – Receita operacional líquida

Fonte: CNI/BNDES/SEBRAE (2000)

Conclusão

Em resumo, observa-se a convergência entre várias fontes de dados e diversos indicadores mostrando que a indústria de bens de capital mecânicos realizou um forte processo de reestruturação produtiva, análogo ao que foi feito pelo resto da indústria brasileira, aumentando sua produtividade e a qualidade dos produtos que oferta.

A evidência disponível indica que a indústria brasileira de bens de capital reagiu positivamente aos desafios postos pelo novo contexto nacional e internacional, cumprindo seus papéis estratégicos no processo de desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

Vermulm, R e Erber, F. (2002) – “Estudo da competitividade de cadeias integradas no Brasil: Bens de Capital”, Texto para discussão – Unicamp – IE - NEIT, 80 pág., 2002.

CNI (Confederação Nacional da Indústria), BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social) e SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) (2001) – *Relatório da Competitividade da Indústria Brasileira*, CNI, Brasília.

Resende, M. e Anderson, P. (1999) – “Mudanças estruturais na indústria brasileira de bens de capital”, *Texto para Discussão 658*, IPEA, Brasília.

Moreira, M. (1999) – “Estrangeiros em uma economia aberta: impactos recentes sobre a produtividade, a concentração e o comércio exterior”, em F. Giambiagi e M. Moreira (org.) *A economia brasileira nos anos 90*, BNDES, Rio de Janeiro.